

LOCKE E A NEGAÇÃO DAS IDEIAS INATAS

1. INTRODUÇÃO

John Locke dedicou muitos de seus escritos a política. E justamente quanto mais se aprofundava na questão das leis e das relações políticas, mas a questão de como o ser humano pode conhecer de fato as coisas aparecia como urgente. Nesse sentido, em sua obra “Ensaio acerca do Entendimento Humano”, o principal objetivo de Locke era *analisar o intelecto humano, suas capacidades, funções e seus limites*. Tal como Bacon e Descartes, o objetivo de Locke não é examinar os objetos mas, antes de mais nada, as estruturas do sujeito que conhece aos objetos. (ele afirma isso na INTRODUÇÃO)

Assim como Descartes, Locke parte do pensamento de que o ser humano estrutura o seu conhecimento graças a ideias. Tanto Descartes como Locke concordam que as ideias não são uma realidade exterior aos sujeito, como pensava Platão, mas que elas são um conteúdo da mente e um pensamento humano. No entanto, quanto a questão da origem dessas ideias, isto é, como elas vêm ao espírito, Locke e Descartes discordam completamente. Descartes parte do pensamento de que o fundamento do conhecimento está em ideias inatas como o “*cogito ergo sum*”, Deus e a extensão do mundo. Já Locke discordará disso e criticará a afirmação de que as ideias são inatas aos ser humano.

2. CRITICA DE LOCKE AO INATISMO DAS IDEIAS

Segundo os defensores do Inatismo, o principio argumento para comprovar a existência de ideias inatas é o CONSENSO UNIVERSAL que possuem os seres humanos a respeito de algumas ideias gerais. Por exemplo, segundo os defensores do inatismo, todos os seres humanos concordam com os princípios da não contradição e da identidade. Há um consenso universal que algo que é, é; e não pode ser outra coisa. (Ele afirma isso no Livro I do Ensaio, capítulo 1).

No livro I de seu Ensaio, Locke afirmará que esse argumento é débil pelos seguintes motivos:

- O consenso geral sobre os princípios da lógica não podem ser alcançados exclusivamente porque são algo inato a todo o ser humano, mas podem ser alcançados de outra maneira. (capítulo 1 e 2)
- Se tal consenso fosse de fato inato, crianças e deficientes os conheceriam. Mas isso não ocorre. (capítulo 3)
- Os defensores do inatismo afirmam que as crianças e os deficientes possuem sim essas ideias inatas, mas não tem consciência delas. Tese que para Locke é um absurdo, pois sempre deve haver coincidência entre uma ideia e a consciência dela. (capítulo 3)
- Também não existem princípios morais inatos, porque existem povos que consideram errado o que nós consideramos como certo. (capítulo 3)
- Também não existe uma ideia inata de Deus, pois existem povos que não tem nem culto nem religião. (capítulo 3)

3. AS IDEIAS E O CONHECIMENTO HUMANO SURGEM DA EXPERIÊNCIA

Se não existem ideias inatas, como o ser humano pode formular ideias na sua cabeça e conhecer as coisas? De onde o espírito humano alcança material para conhecer? Da experiência (capítulo I, Livro II). Para Locke, todo conhecimento se inicia pela percepção dos sentidos e pela experiência. A mente é uma tabula rasa, não possui nenhuma ideia inata. É a medida que o ser humano vai tendo experiências que vai conhecendo e percebendo as coisas. Primeiramente ideias simples, que quando organizadas e relacionadas, tornam-se ideias complexas. Mas como Locke explica essa intrincada relação entre ideias simples e complexas provenientes da experiência? É o que ele abordará no Livro II do Ensaio.

A) TUDO PARTE DA EXPERIÊNCIA

Para Locke, todo conhecimento parte da experiência. Mas o que seria experiência para Locke? É a observação tanto dos objetos externos sensíveis, quanto das operações internas de nosso espírito que percebemos e sob as quais refletimos. Logo, tanto as sensações que temos dos objetos, quanto os pensamentos e reflexões são frutos da experiência. Existe uma experiência externa e interna. Delas emergem todos os conhecimentos e ideias que podemos ter.

Dessa dupla fonte de experiências, surgem as chamadas IDEIAS SIMPLES.

B) IDEIAS SIMPLES

As ideias simples são aquelas que surgem a partir da experiência direta com os objetos e a partir da ideia que tal experiência produz em nosso intelecto. Segundo Locke, o intelecto humano pode combinar tais ideias, mas nunca criá-las. E por que o ser humano não pode criar ideias simples? Porque tudo provém da experiência sensível com os objetos. As ideias, segundo Locke, existem na mente humana, mas nos próprios objetos existe algo que faz com que o ser humano produza ideias em sua mente. A essa realidade externa ao sujeito, mas em relação com o mesmo, Locke chamou de QUALIDADE. Todo objeto possui qualidades que são captadas pelo sujeito a partir da experiência. A partir de tais qualidades, o ser humano pode ordenar as ideias e captar a ideia simples de solidez, dor, etc. Mas nunca inventar tais ideias. Estas são provenientes do contato sensível e experiência com os objetos. Cada experiência, interna ou externa, produzirá um tipo de ideia simples

- AS EXPERIÊNCIAS EXTERNAS E AS IDEIAS SIMPLES DE SENSAÇÃO

As ideias de sensação são aquelas que derivam diretamente dos sentidos: cor (azul, vermelho, verde), sabor (salgado, doce, amargo), extensão (grande, pequeno), etc.

- EXPERIÊNCIAS INTERNAS E AS IDEIAS DE REFLEXÃO

As ideias de reflexão são aquelas que partem a partir de algumas sensações que as ideias de sensação causam em nós, como dor, prazer, força, etc.

C) IDEIAS COMPLEXAS

Surgem em nós a partir da combinação que fazemos de ideias simples. Existem três tipos de ideias complexas:

- A) *Ideia de substância*: surgem quando constatamos que algumas ideias simples aparecem sempre juntas, o que faz com que nos habituemos a constatar um substrato, uma espécie de substância na qual elas existem e pelo qual elas brotam. Exemplo: as ideias de causa e efeito sempre aparecem juntas, o que fazem constatar uma espécie de substrato da qual elas brotam: uma causa eficiente. Locke afirma que nossa experiência constata tais substâncias, apesar de não sabermos defini-las com exatidão.
- B) *Ideia de modo*: representam o modo como algumas ideias de substância se mostram: como espaço, como duração, como número, como raciocínio, etc
- C) *Ideia de relação*: quando as ideias simples são relacionadas e comparadas entre si, surgem ideias complexas de relação como o princípio da causalidade, os princípios éticos, o princípio da identidade, etc.

Logo, para Locke, as ideias complexas são CONSTRUÇÕES DE NOSSO INTELECTO, nascidas das combinações de ideias simples. Sendo assim, todas as ideias complexas são construções de nosso intelecto? Para Locke, a única exceção são as ideias de substância.

Segundo o autor, as substâncias existem por si mesmas, não são uma invenção do intelecto do sujeito. No entanto, diferente de Descartes que afirmava que poderíamos ter um conhecimento claro e distinto de tais substâncias, Locke afirmará que tal conhecimento está além de nosso intelecto finito, pois escapa da experiência. Das substâncias apenas intuímos a necessidade de sua existência para fundamentar o fato de que algumas ideias simples sempre vão juntas, mas não podemos definir tais substâncias de forma clara e distinta.

Se não podemos conhecer clara e distintamente a substância, como conhecer então a essência das coisas? Segundo a Filosofia clássica, a essência das coisas era conhecida por meio da ABSTRAÇÃO, ou seja, retirando todas as características acidentais e materiais dos objetos, chegaríamos a sua forma, o ato, sua essência, o que a coisa realmente é. Mas para Locke, que parte da experiência, a essência das coisas não é alcançada por meio da abstração total da realidade sensível, mas para chegarmos a essência das coisas, focamos em algumas ideias complexas que nos ajudam a reunir um conceito. Exemplo: entre João e Pedro, retiro algumas ideias simples como gordo, magro, loiro, negro... e foco numa ideia complexa chamada *ser humano*. A partir dessa ideia complexa chego a essência de ambos.

Mas seria então a essência das coisas uma invenção do ser humano? Para escapar do subjetivismo, Locke afirma que existe uma essência real (aquilo que a coisa realmente é) e uma essência nominal (aquilo que conhecemos a partir da experiência e das ideias simples e complexas). Os objetos nos apresentam certas características que nos permitem ter um conhecimento de sua essência nominal, mas nunca conhecemos sua essência real.